

# Santificação norteada pelo evangelho

Jerry Bridges

NO COMEÇO DE MINHA VIDA COMO CRISTÃO, ouvi alguém dizer: “A Bíblia não foi dada para aumentar seu conhecimento, mas para orientar sua conduta”. Mais adiante, vim perceber que essa declaração era na melhor das hipóteses simplista e, na pior delas, errônea. A Bíblia é muito mais que um livro de regras a ser seguidas. É antes de tudo a mensagem da graça salvadora de Deus por meio de Jesus Cristo, com todos os acontecimentos anteriores à cruz apontando para a obra redentora de Deus e com todos os acontecimentos posteriores à cruz — dentre os quais nossa santificação— brotando dessa obra.

Há, no entanto, certa dose de verdade nessa declaração, e o Espírito Santo a usou para me ajudar a ver que a Bíblia não deve ser lida somente para adquirirmos conhecimento. Ela deve, de fato, ser obedecida e aplicada de modo prático em nossa vida diária. Como Tiago afirmou: “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (1.22).

Com minha nova percepção, orei pedindo a Deus que usasse a Bíblia para guiar minha conduta. Foi quando comecei a diligentemente buscar obedecer a ela. Jamais tinha escutado a expressão “busca pela santidade”, mas isso passou a ser meu maior objetivo na vida. Infelizmente, cometi dois erros. Primeiro: pressupus que a Bíblia fosse uma espécie de código de regras. Tudo que eu precisava fazer era aprender o que ela ensina e assim praticá-lo. Nada eu sabia sobre a necessidade de depender do Espírito Santo para ser dirigido e capacitado.

Pior ainda: imaginei que minha aceitação por parte de Deus e sua bênção em minha vida dependiam de quão bem eu me conduzisse. Sabia ter sido salvo pela graça mediante a fé em Cristo independentemente das obras. Tinha certeza da minha salvação e tinha por certo que iria para o céu quando morresse. Mas, no meu dia-a-dia, pensava que a bênção de Deus dependesse da prática de certas disciplinas espirituais, como praticar diariamente um período silencioso de devocional e não cometer conscientemente nenhum pecado. Não tinha isso claro em minha mente, mas era como percebia as coisas inconscientemente, dada a cultura cristã em que eu vivia. No entanto, esse entendimento determinou minha postura em relação à vida cristã.

## O discipulado baseado no desempenho

Minha história é bastante comum. Hoje, muitas vezes os evangélicos pensam que o evangelho é somente para os descrentes. Uma vez do lado de dentro da porta do reino, somente precisamos do evangelho para pregá-lo aos que ainda se encontram do lado de fora. Agora, uma vez crentes, precisamos ouvir a mensagem do discipulado. Precisamos ouvir a respeito de como viver a vida cristã e ser desafiados a seguir nesses passos. Foi aquilo em que cri e o que pratiquei por algum tempo em minha vida e ministério. É aquilo em que parece crer a maioria dos cristãos.

Segundo minha percepção, a comunidade cristã consiste hoje em grande escala numa cultura baseada pelo desempenho. E, quanto mais profundamente comprometidos estamos a seguir a Jesus, mais profundamente enraizada se acha a mentalidade do desempenho. Pensamos que ganhamos a bênção de Deus ou a perdemos dependendo de quão bem vivemos a vida cristã. A maioria dos cristãos tem um “piso” de desempenho aceitável pelo qual eles avaliam quanto Deus os aceita. Para muitos, esse piso não passa de freqüência aos cultos e evitar pecados grosseiros. Cristãos assim em geral se caracterizam por certo grau de justiça própria. Afinal de contas, eles não se entregam aos pecados grosseiros que vemos ocorrer ao nosso redor. Esses cristãos não pensariam que ainda precisam do evangelho. Eles diriam que o evangelho é somente para os pecadores.

Para os cristãos comprometidos, o piso é bem mais elevado. Ele inclui a prática regular das disciplinas espirituais, obediência à Palavra de Deus e participação em alguma forma de ministério. Aqui, mais uma vez, se nos focamos no comportamento externo, muitos têm uma pontuação razoavelmente boa. Mas esses cristãos são ainda mais vulneráveis à justiça própria ou autojustiça, pois podem olhar com desdém espiritual não somente para a sociedade pecaminosa ao redor, mas mesmo para outros crentes que não são tão comprometidos quanto eles. Esses cristãos também não precisam do evangelho. Para eles, o crescimento cristão significa mais disciplina e mais compromisso.

Há então um terceiro grupo. O piso desse grupo inclui mais do que o desempenho externo das disciplinas, da obediência e do ministério. Esses cristãos também reconhecem a necessidade de lidar com pecados do coração como o espírito crítico, o orgulho, a soberba, o egoísmo, a inveja, o ressentimento e a ansiedade. Eles enxergam a inconstância deles no devocional diário, o fato de que deixam de testemunhar em todas as oportunidades e quão freqüentemente deixam de lidar com os pecados do coração. Esse grupo de cristãos é muito mais passível de ser atacado pelo sentimento culpa, porque os membros do grupo não satisfizeram suas expectativas. E, como eles pensam que a aceitação deles por parte de Deus se baseia no desempenho deles, têm pouca alegria na vida cristã. Para eles, a vida é como uma esteira em que seguem escorregando e ficando sempre para trás. Esse grupo precisa do evangelho, mas não se dá conta de que ele serve para eles. Eu sei, porque eu estava nesse grupo.

### **O evangelho é para crentes**

Com o tempo, pouco a pouco, e a partir de um profundo senso de necessidade, vim perceber que o evangelho é também para crentes. Quando por fim percebi isso, todas as manhãs eu orava fazendo referência a uma passagem como a de Isaías 53.6: “Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”. E depois eu dizia: “Senhor, eu me desviei. Eu me voltei para o meu próprio caminho, mas tu depositaste todo o meu pecado sobre Cristo e por causa disso eu me achego a ti e me sinto aceito por ti”.

Vim perceber que a declaração de Paulo em Gálatas 2.20 (“A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”) foi feita no contexto da justificação (cf. v. 15-21). No entanto, Paulo estava falando no tempo presente: “A vida que agora vivo...”. Por causa do contexto,

percebi que Paulo não estava falando de sua *santificação*, mas de sua *justificação*. Para Paulo, então, justificação (ser declarado justo por Deus com base na justiça de Cristo) não era apenas uma experiência passada, mas também uma realidade presente.

Paulo vivia dia a dia pela fé no sangue vertido e na justiça de Cristo. A cada dia ele olhava somente para Cristo para ser aceito pelo Pai. Ele cria, como Pedro (v. 1Pedro 2.4,5), que mesmo nossas melhores ações —nossos sacrifícios espirituais— são aceitáveis a Deus somente por meio de Jesus Cristo. Talvez ninguém além do próprio Jesus foi um discípulo tão comprometido na vida e no ministério quanto o apóstolo Paulo. Mesmo assim, ele não olhou para seu próprio desempenho, mas para o “desempenho” de Cristo como o fundamento exclusivo de sua aceitação por parte de Deus. Aprendi assim que os cristãos precisam ouvir o evangelho por toda a vida porque é o evangelho que continua a nos lembrar que nossa aceitação diária junto ao Pai não se baseia no que fazemos por Deus, mas no que Cristo fez por nós em sua vida sem pecado e em sua morte que carregou o pecado. Comecei a perceber que nos apresentamos diante de Deus hoje tão justos quanto jamais seremos, mesmo no céu, porque ele nos revestiu com a justiça de seu Filho. Assim, não tenho de desempenhar para ser aceito por Deus. Agora sou livre para obedecer a ele e servi-lo porque já sou aceito em Cristo (v. Rm 8.1). A motivação que tenho e me propulsiona agora não é a culpa, mas a gratidão.

Mas, mesmo quando entendemos que nossa aceitação por parte de Deus se baseia na obra de Cristo, ainda naturalmente tendemos a nos desviar para uma mentalidade de desempenho. Por conseguinte, precisamos continuamente retornar ao evangelho. Para usar uma expressão do falecido Jack Miller, devemos “pregar o evangelho para nós mesmos diariamente”. Para mim, significa que volto sempre a passagens como Isaías 53.6, Gálatas 2.20 e Romanos 8.1. Significa que freqüentemente repito as palavras do velho hino: “Em sua justiça espero eu, e em seu sangue que verteu”.

### Nada de “crendismo fácil”

Mas essa idéia de que somos aceitos por Deus exclusivamente com base na obra de Cristo independentemente de nosso desempenho não leva a um tipo de “crendismo fácil”? Em sua forma mais pura, o “crendismo fácil” é a idéia segundo a qual: “Como convidei Cristo para ser meu Salvador, estou a caminho do céu independentemente de como eu viva. Não importa se continuo em meu estilo de vida pecaminoso. Deus me ama e me aceitará de qualquer modo”.

Seguindo o mesmo raciocínio, a afirmação de que Deus me aceita e me abençoa exclusivamente com base na obra de Cristo pode ser entendida com o sentido de que de fato não importa como eu viva neste momento. Se Jesus já “desempenhou” em meu lugar, então por que passar por todo o esforço e pelo sofrimento de lidar com o pecado na minha vida? Por que se importar com as disciplinas espirituais e por que gastar qualquer energia física ou emocional para servir a Deus nesta vida terrena se tudo depende de Cristo? O apóstolo Paulo previu esse tal “crendismo fácil” em Romanos 6.1 quando escreveu: “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente?”. A resposta que ele mesmo dá em Romanos 6.2 (“De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?”), responde à

pergunta “Por que se importar?”. Paulo não estava respondendo com “Como vocês podem ser tão ingratos de pensar tal coisa?!”. Não! Em vez disso, ele está dizendo, na verdade: “Vocês não entendem o evangelho. Não percebem que morreram para o pecado e que, se morreram para o pecado, é impossível que continuem a viver nele?” (v. Rm 6.3-14).

### **Morremos para o pecado**

Agora, porém, chegamos a uma grande questão. O que Paulo quer dizer quando afirma que morremos para o pecado? É relativamente óbvio que ele não quer dizer que morremos para a prática diária do pecado. Se fosse esse o caso, nenhuma pessoa honesta poderia se declarar justificada, porque todos pecamos diariamente. Nenhum de nós ama verdadeiramente a Deus com todo o ser e nenhum de nós de fato ama seu próximo como a si mesmo (v. Mt 22.35-40). Tampouco significa que morremos no sentido de não mais cedermos às tentações do pecado, como alguns têm ensinado. Se isso fosse verdade, a admoestação de Pedro de nos abstermos das paixões da carne não faria nenhum sentido (v. 1Pe 2.11). Então o que Paulo quer dizer?

Alguns comentaristas bíblicos crêem que Paulo apenas quer dizer que morremos para a punição por causa do pecado. Ou seja, por causa de nossa união com Cristo, quando Cristo morreu para a punição decorrente do pecado, nós também morremos para essa punição do pecado. Bem, certamente Paulo quer dizer isso, mas também queria dizer muito mais. Também queria dizer que morremos para o domínio do pecado.

O que é o domínio do pecado? Em Romanos 5.21, Paulo fala do reinado do pecado. E em Colossenses 1.13, ele fala do domínio das trevas. Quando Adão pecou no Éden, todos pecamos por meio de nossa união legal com ele (v. Rm 5.12-21), ou seja, por causa de nossa identidade com Adão, todos sofremos a consequência de seu pecado. E parte dessa consequência é nascer neste mundo sob o reinado e o domínio do pecado. Paulo explica o que significa estar sob esse domínio em Efésios 2.1-3. Ele afirma que estávamos espiritualmente mortos; seguíamos o curso do mundo e do diabo; vivíamos nas paixões de nossa natureza pecaminosa e éramos, por natureza, alvos da ira de Deus.

Essa escravidão ao domínio do pecado então é parte da punição devida a nós por sermos culpados pelo pecado. Por meio de nossa união com Cristo em sua morte, entretanto, a culpa decorrente do pecado tanto de Adão quanto nosso foi eliminada para sempre. Tendo morrido com Cristo para a culpa do pecado, também morremos, por conseguinte, para o domínio do pecado. Não podemos continuar no pecado como forma dominante de vida, porque o reino do pecado sobre nós foi quebrado para sempre.

Essa morte do domínio do pecado sobre nós é conhecida teologicamente como *santificação definitiva*. Diz respeito à ruptura irreversível com o pecado ou a separação definitiva em relação ao pecado como poder dominante na vida do crente. Trata-se de um acontecimento de uma vez por todas, que ocorre junto com a justificação. Trata-se da mudança fundamental que é operada em nós pela ação monergística do Espírito Santo (ou seja, pelo Espírito agindo sozinho, sem a permissão ou a assistência humana), quando ele nos liberta do reino das trevas e nos transfere para o reino de Cristo. Essa ruptura definitiva com o

domínio do pecado se dá na vida de todo o que crê em Cristo como Salvador. Não existe justificação sem santificação definitiva. Ambas nos vêm como resultado da obra de Cristo por nós.

### **Considerem-se mortos para o pecado**

Assim, somos libertos da culpa e do domínio do pecado. Mas de que nos adianta saber disso? Como isso pode nos ajudar a viver uma busca pela santificação que seja norteadada pelo evangelho? Aqui nos ajudam as instruções de Paulo em Romanos 6.11: “Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus”.

É importante compreender o que Paulo está dizendo aqui, porque ele não nos está mandando *fazer* algo, mas *crer* em algo. Precisamos crer que por meio de Cristo estamos mortos para a punição do pecado e para seu domínio. Mas isso não é algo que concretizamos pelo fato de cremos. Simplesmente estamos mortos para o pecado, quer creiamos, quer não. Mas os efeitos práticos de nossa morte para o pecado são concretizados somente quando cremos que se trata de uma verdade.

O fato é que somos culpados em nós mesmos, mas Deus não mais cobra essa culpa contra nós, porque já foi carregada por Cristo como nosso substituto. A sentença já foi cumprida. A punição já foi paga. Morremos para o pecado, tanto para sua culpa quanto para seu domínio. Por isso Paulo pôde escrever: “Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa!” (Rm 4.8).

Mas surge a pergunta: “Se morri para o domínio do pecado, por que ainda luto com padrões de pecado em minha vida?”. A resposta reside na palavra “luto” ou “lutar”. Os descrentes não lutam contra o pecado. Eles podem parecer que vencem certos maus hábitos, mas para eles aqueles hábitos não são pecados. Eles não têm percepção do pecado como algo contrário a um Deus santo. Os crentes, por sua vez, lutam com o pecado pelo que ele é: pecado. Consideramos nossas palavras, nossos pensamentos e nossas ações pecaminosos pecados contra Deus; e nos sentimos culpados por isso. É aí que devemos continuar voltando para o evangelho. Considerar-nos mortos para o pecado é crer no evangelho.

Não significa que simplesmente cremos no evangelho e vivemos de forma complacente com o nosso pecado. De maneira nenhuma! Volte mais uma vez para as palavras de Paulo em Romanos 6.1,2. Morremos tanto para a culpa quanto para o domínio do pecado. Embora o pecado possa travar uma guerra contra nós (daí a nossa luta), ele não pode reinar sobre nós. Isso também faz parte do evangelho. Mas o sucesso da nossa luta com o pecado começa com nossa crença do fundo do nosso coração de que, mesmo que falhemos com freqüência, nenhuma condenação há para nós (Rm 8.1).

William Romaine, que foi um dos líderes do reavivamento inglês do século 18, escreveu: “Nenhum pecado pode ser crucificado no coração ou na vida sem que antes tenha sido perdoado na consciência [...] Se não for mortificado em sua culpa, não pode ser destruído em seu poder”. O que Romaine estava dizendo é que, se você não crer que você morreu para a culpa do pecado, você não pode confiar em Cristo para ter forças para dominar o poder do pecado em sua vida.

Então o ponto de partida ao lidar com o pecado é crer no evangelho, quando ele afirma que você morreu para a culpa do pecado.

### **Santificação gradativa**

Guerrear contra nossos hábitos pecaminosos e buscar nos revestir do caráter à semelhança de Cristo chama-se em geral *santificação*. Mas, porque o termo *santificação definitiva* é usado em referência àquela libertação de uma vez por todas do domínio do pecado, é útil que nos refiramos ao crescimento cristão em santidade como *santificação gradativa*. Além do mais, a palavra “gradativa” indica crescimento contínuo em santidade com o passar do tempo. Os autores do Novo Testamento não somente sabem que haverá crescimento (v. 1Co 6.9-11; Ef 2.19-21; Cl 2.19; 2Ts 1.3), mas também continuamente nos instam a buscá-lo (v. 2Co 7.1; Hb 12.14; 2Pe 3.18). Não existe lugar no cristianismo autêntico para cristãos estagnados, satisfeitos consigo mesmos e cheios de justiça própria. Antes, devemos buscar crescer em semelhança a Cristo até morrermos.

Essa santificação gradativa sempre inclui nossa prática das disciplinas espirituais, como a leitura da Escritura, a oração e a comunhão regular com outros crentes. Também inclui mortificar os atos pecaminosos do corpo (v. Rm 8.13) e revestir-se do caráter que se assemelha a Cristo (v. Cl 3.12-14). E, o que é muito importante, inclui uma dependência desesperada em Cristo para receber dele o poder para fazer essas coisas, pois não podemos crescer por nossa própria força.

Desse modo, santificação implica trabalho árduo e dependência de Cristo — o que denomino *esforço dependente*. E sempre significará que ficaremos insatisfeitos com nosso desempenho. Pois, para o cristão em crescimento, o desejo sempre suplantar o desempenho ou, pelo menos, o desempenho percebido. O que então nos manterá firmes em meio a essa tensão entre desejo e desempenho? A resposta é o evangelho. A segurança no evangelho de que de fato morremos para a culpa do pecado e de que não há nenhuma condenação para nós em Cristo Jesus é o que nos motivará e nos manterá no caminho em meio à tensão.

Sempre precisamos nos focar no evangelho, porque faz parte da natureza da santificação que, ao crescermos, em geral passamos a enxergar mais e mais a nossa pecaminosidade. Em vez de nos conduzir ao desânimo, porém, esse fato deve nos conduzir ao evangelho. É o evangelho, crido todos os dias, a única motivação que perdura para buscarmos a santificação gradativa mesmo naqueles momentos em que não parecemos crescer. Por isso uso a expressão “santificação norteadada pelo evangelho” e por isso precisamos “pregar o evangelho para nós mesmos diariamente”.

**Jerry Bridges** é membro da equipe ministerial dos Navigators [Navegadores]. Autor prolífico e muito vendido, seu livro mais recente é *The gospel for real life* [O evangelho para a vida real] (Navpress, 2002). A citação de William Romaine foi extraída de sua obra *The life, walk and triumph of faith* [A vida, a caminhada e o triunfo da fé] (Cambridge, England: James Clarke and Co. Ltd., 1793), p. 280. Traduzido por Fabiani Medeiros em 2006. Uso restrito não visando à comercialização.